



Transculturalidade e Tecnologias da Informação e Comunicação

Ricardo Neiva¹, Luiza Alonso¹, Edílson Ferneda¹

¹Universidade Católica de Brasília – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP)
Campus Universitário II – SGAN 916 – Asa Norte. Brasília-DF
ricardoneiva@hotmail.com, lualonso@pos.ucb.br, eferneda@pos.ucb.br

Resumo

As TIC têm contribuído para alterações diversas na sociedade, sejam elas sociais, políticas ou culturais. Com referência às manifestações culturais, as TIC surgem como uma possibilidade à maximização da dialógica cultural e mais especificamente através da virtualização de muitos ambientes, contribui para o entendimento, interpretação, preservação e disseminação das variantes culturais. Dentro da perspectiva de um fenômeno denominado transculturalidade e dos novos horizontes possíveis com o surgimento e a evolução das TIC, este trabalho apresenta alguns pontos de vista sobre os temas citados anteriormente.

Palavras-chaves: transculturalidade, tecnologias da informação e comunicação e cultura

Abstract

TIC have been contributing to several alterations in the society, be them social, politics or cultural. With reference to the cultural manifestations, TIC appear as a possibility to the maximization of the cultural communication and more specifically through the virtualization of many adapt, it contributes to the understanding, interpretation, preservation and spread of the cultural variants. Inside of the perspective of a phenomenon denominated transculturality and of the new possible horizons with the appearance and the evolution of TIC, this work presents some point of view on the themes mentioned previously

Key-words: transculturality, technologies of the information and communication, culture

1. Introdução

A abertura de novas possibilidades de interação é uma importante contribuição das TIC, pois oportuniza um espaço diferenciado na sua dimensão virtual e instaura uma metodologia dinâmica onde as interações se realizam em uma densa rede de conectividade, entre saberes que são compartilhados (Arriada, 2005), provocando uma transformação na sociedade, que está cada vez mais se tornando uma sociedade baseada na informação e no conhecimento (Bertolleti et al, 2003).

Belloni (1999) diz que “a característica principal destas tecnologias é a interatividade”. Os indivíduos e as suas interações, por meio da linguagem, geram o capital cognitivo que vai formar a cultura do coletivo. A cultura, por sua vez, institui regras e normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos individuais. As regras e normas culturais geram processos sociais que regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Nesta análise, a cultura não é nem superestrutura nem infra-estrutura, ela é um processo recursivo, ou seja, é produtora e geradora daquilo do que a produz e a gera, conforme visto na figura 1.

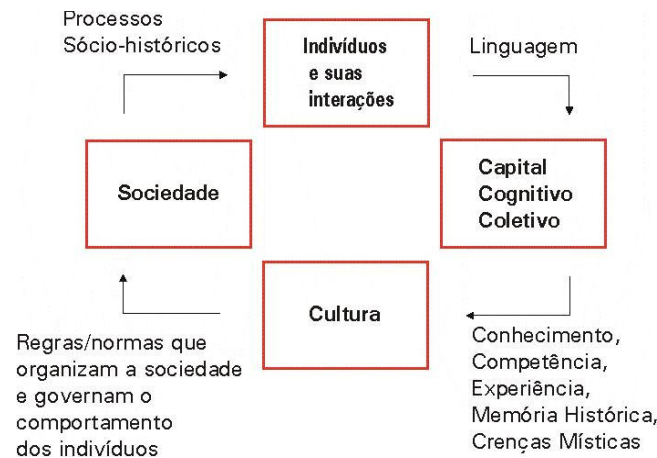


Figura 1 Relação geradora mútua entre indivíduo, cultura, conhecimento e sociedade

A utilização de aparatos tecnológicos provocou severas alterações nas formas como os indivíduos se relacionam e aprendem, promovendo infinitas possibilidades de contato, conhecimento e compartilhamento de uma grande quantidade de múltiplas experiências culturais que passaram a ser possíveis através do acesso, conectividade e agilidade do espaço cibernético. Quando o espaço deixa de ser limitador para a expansão de uma cultura, rompem-se os regionalismos e o determinismo da herança sócio-cultural. As pessoas tornam-se passíveis de conhecer e interiorizar valores e expressões culturais independentemente do lugar em que moram e da história de sua primeira coletividade de pertencimento. As culturas passam a estar em toda e qualquer parte, fenômeno caracterizado como transculturalidade (Coll, 2000). Lévy (1999) reconhece a ocorrência de mudanças qualitativas nos relacionamentos entre as pessoas e a emergência de um ambiente inédito para a vida social e cultural, a qual é resultante da extensão das novas redes de comunicação.

No que tange ao ensino e a aprendizagem, os indivíduos passaram a ter acesso a metodologias e pedagogias virtuais, onde a Educação à Distância (EAD) virtualizada ganha destaque, pois, segundo Tedesco (1995), abrem-se enormes possibilidades no uso de recursos de aprendizagem que aperfeiçoam as práticas pedagógicas e permitem a inovação no uso de meios tecnológicos e a utilização que a potencialidade que a educação não presencial e mediatizada oferece. Dentro de uma perspectiva de aprendizagem mais livre, também se destacam as chamadas comunidades virtuais, que se apresentam como importantes “pontos” virtualizados, onde as pessoas trocam experiências, informações e conhecimentos.

A multiplicidade de alterações e impactos provocados pelos avanços tecnológicos afeta as pessoas de uma forma geral. Os novos horizontes possíveis são algo real e presente na sociedade atual. Diante deste quadro, este trabalho exporá conceitos relativos à transculturalidade e a importância das TIC para as manifestações culturais no que se refere à geração, disseminação e discussão do conhecimento cultural.

2. Difusão e Preservação Cultural

Segundo a UNESCO (1998), o processo educativo deve contemplar o saber aprender, fazer, conviver e ser. Na era digital, esses quatro pontos são analisados e prospectados dentro de uma visão filosófica, científica e também tecnológica, pois hoje aprendemos, fazemos, convivemos e estamos inteirados no equilíbrio de diferentes perspectivas, e a tecnologia, principalmente nas últimas décadas tem ganhado uma importância ímpar. Não que em outros momentos da história as evoluções tecnológicas não tenham colaborado para a evolução da humanidade, mas pelo fato de agora estas

estarem a serviço não só da maximização do lucro, mas como possibilidade colaborativa para a formação do homem no âmbito do seu conhecimento.

Denominadas por Lévy (1993) por “Tecnologias da Inteligência”, os computadores e a Internet potencializaram a influência da fala, da escrita e da imprensa no conhecimento, ligando-se de forma irreversível ao saber humano, auxiliando-o em sua capacidade de aprender, apreender e compreender.

Influenciado principalmente por essas Tecnologias da Inteligência, os modos de construção do conhecimento não são mais vistos e analisados como antes, agora existe os novos modos, ou seja, a formação do conhecimento passa também por uma perspectiva tecnológica. Hoje existe uma gama imensa de aparatos ferramentais que facilitam e impulsionam a disseminação do conhecimento. Dentro dessa perspectiva, as tradicionais teorias educacionais são revistas e reeditadas; o professor não é mais visto como o “velho” instrutor e sim como um facilitador, alguém que tem o papel de colaborar e fazer com que o aluno desperte o seu pensamento auto-crítico e atue como pesquisador.

As perspectivas tecnológicas trouxeram consigo facilitadores, as fontes de conhecimento não são mais algo, como era a algumas décadas, de difícil acesso. As pessoas podem acessar bases de dados em qualquer lugar do mundo a partir de uma estação de trabalho, não há mais fronteiras ou dificultadores àqueles que precisam de fontes informacionais.

O acesso não só às fontes tornou-se menos complexo, como também àqueles que são os detentores do conhecimento, pois as atuais tecnologias ampliam o canal comunicacional entre os indivíduos, onde a comunicação realiza-se em um espaço independente de localização geográfica e fuso horário, ou seja, as comunicações podem acontecer de forma síncrona ou assíncrona. Não só a acessibilidade logrou com a situação tecnológica atual, como também a salvaguarda de tal conhecimento, próprio de cada indivíduo em sua área de atuação.

A era digital tem permitido a criação de novas formas de expressão, novas formas de interações. A grande gama informacional a qual as pessoas estão sujeitas, seja através da internet, TV, rádios, música, são armazenadas nas memórias das mesmas e passam a formar novos discursos e estruturam novos conceitos.

Hoje não mais se precisa deslocar para se ter acesso a eventos que estejam sendo realizados, pois eles podem ser acompanhados através de uma rede de televisão ou pela Internet.

“A nova sociedade digital não se caracteriza pela exclusão ou oposição aos modelos anteriores de aquisição e utilização dos conhecimentos armazenados na memória, humana ou cibernética. Sua característica é o envolvimento; sua prática, a mixagem. Mesclam-se nas redes informáticas – na própria situação de produção-aquisição de conhecimentos – autores e leitores em tempo real” (Kenski, 2003, p. 44).

Mas os novos modos de construção do conhecimento devem ser vistos sobre um olhar crítico e cauteloso, dentro de um universo de não agressão a culturalidade dos povos. A nova “ordem” não pode ser imperativa no que tange aos usos e costumes regionalistas.

A disseminação informacional deve ser empreendida dentro de um âmbito de preservação e de respeito aos diferentes “modos” dos indivíduos, promovendo a convivência entre diferentes perspectivas no que tange a cultura, onde as pessoas possam situar-se, ambientar-se, e a partir daí construir novos “pontos de vista”.

Forquin (1993, p. 133) corrobora com a definição do indivíduo de caráter comunitário e multifacetado, colocando que:

“... Numa sociedade moderna, complexa, cada indivíduo pertence, de modo

consciente ou de modo latente, a uma pluridade de grupos, possui uma pluridade de status, é confrontado com uma pluridade de modelos, submetido a pressões contraditórias, a mensagens divergentes, face às quais ele deve desenvolver estratégias complexas, apoiando-se sobre recursos, referências, competências variadas.”

Um empreendimento globalizador no campo cultural pode trazer resultados e gerar situações desagradáveis e indesejáveis. Ou seja, a massificação cultural pode gerar a perda de identidade, de valores e crenças de uma coletividade. Deve-se evitar aquilo que por muitos séculos perdurou durante a Idade Média, onde “cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada”. (Hall, 2001, p. 60)

O que se percebe é que as pessoas, em muitas situações, estão perdendo o seu senso crítico, aceitam os “novos produtos” sem analisar o efeito real que será causado. Ficam despercebidas e permitem que a sua identidade seja reformulada e redirecionada para coisas que em nada correspondem àquilo que as mesmas acreditam. A criticidade cultural é deixada de lado e os indivíduos acabam perdendo aquilo que é um dos aspectos interessantes, ou seja, “o que a cultura permite é um constante desaprendizado de tudo aquilo que a incultura – quer dizer, a ausência de conversa entre os opostos e a conseqüente insistência em um ou em alguns poucos pontos de vista – inculca” (Coelho, 2001).

Não que através dos séculos não tivesse acontecido uma transformação cultural de todos os povos, mas em muitos casos fora um processo natural e aceitável, mas em muitos outros fora imposto de forma mandatória. As transformações, seja em qual campo for, ocorridas de uma maneira natural, é aceitável e normal, porque o homem é um ser dinâmico, que se transforma e que também provoca alterações em seu meio.

A cultura, em termos conceituais, em muito se diferencia de uma definição disciplinar, pois a cultura busca uma visão mais abrangente e generalista onde se vê a totalidade do Real, do Todo (Coll, 2000). A cultura produz uma visão mais horizontal do homem, ou seja, o mesmo não é visto como uma especialidade, algo uno e indivisível, e sim multiplural e formado a partir de uma enorme complexidade de mitos, crenças e valores.

O aspecto cultural transcende o campo dos conceitos e das definições, não pode ser confundido e visto como uma disciplina científica, a qual “é sempre uma visão dirigida para uma parte do Real, do Todo, visão aleatória em sua amplitude e profundidade, que depende da própria natureza de cada disciplina” (Coll, 2000).

De um modo geral, o ser humano tem que ser levado em conta dentro de um ambiente de alta complexidade, no qual devem ser considerados os seus desejos, as suas organizações, as suas relações com os outros, da sua relação com o conhecimento adquirido e o conhecimento elaborado, além da complexidade na qual o mesmo encontra-se inserido (Barbosa, 2005).

As variantes culturais têm uma grande importância dentro deste ambiente de alta complexidade, pois “a verdadeira natureza humana é cultural” (Coll, 2000). Fato é que o traço constituinte do ser humano é reconhecidamente difuso, isto não só com referência a condição humana, mas também a condição física, pois, todas as coisas fazem parte de mais de uma categoria e podem ser classificadas de mais de um modo (Coelho, 2001).

A unicidade das coisas, em sua grande maioria, é quase que irreais. A interdependência e a transcendência são características presente em várias áreas do conhecimento. Sendo assim, as disciplinas também se encontram neste conjunto que extravasa o uno, o indivisível e o conceito de transdisciplinaridade vem colocar as diversas áreas do conhecimento fora de uma divisão, em que a comunicação entre as diversidades coloca-se como algo a ser motivado, para que se alcance algo maior.

3. Transculturalidade

O mundo globalizado, caracterizado e em busca de uma terra sem fronteiras em várias áreas, tem gerado, de um lado, euforia e esperança e, por outro, receio e medo. Existe a esperança de que através da superação das barreiras, uma humanidade mais consciente não só da sua localização geográfica, mas da sua percepção de mundo mais ampliada, consiga transformar as pessoas em indivíduos universais, cientes das suas responsabilidades sociais e, colaborativo, no sentido de levar aos outros habitantes aquilo que é próprio de si. Mas também existe a desconfiança de que por meio da imposição globalizante, venha a se criar um ambiente de maior instabilidade econômica, social e, sobretudo, cultural. De que o respeito às diferenças não seja levado em consideração, onde um discurso de superioridade seja imposto, principalmente no campo cultural.

A insegurança é claramente observada e demonstrada nas situações em que se pretende impor o que Morin (1997) chama de cultura de massa, aquela cultura massificada, sincretizada e homogeneizada, onde a sua produção está no seio da fabricação industrial maciça, utilizando como meio principal a propaganda de difusão maciça. Pretende-se com a cultura de massa alcançar “um denominador comum com a diversidade dos conteúdos” (Morin, 1997, p. 36).

A empreitada homogeneizante utiliza-se dos mais variados meios de comunicação, com o intuito de divulgar uma linguagem homogeneizada. Os rádios, a grande imprensa e a revista ilustrada estão altamente engajadas em um esforço para alcançar e satisfazer uma gama de interesses, por meio de uma retórica permanente e um estilo único (Morin, 1997).

A unificação dos temas, das linguagens, das mensagens é altamente perceptível. Uma invasão de programas, seriados, filmes com a mesma forma de se produzir e utilizando-se do mesmo discurso é o que está em voga. Quase tudo se tende a tornar universal, principalmente aquilo que é produzido pelas grandes redes de TV, cinemas, gravadoras e rádios. Busca-se desenfreadamente uma padronização dos gostos, a qual está intrinsecamente associado a um nivelamento das diferenças sociais, onde se destaca o caráter sincretizante e homogeneizador da cultura industrial.

Esta mesma cultura industrial, segundo Morin (1997, p.65):

“... nega de modo dialético a cultura do impresso e a cultura folclórica: desintegra-as integrando-as, integra o impresso e seus conteúdos, mas para metamorfoseá-los; desintegra os folclores, mas para com eles universalizar certos temas. Acrescentemos: ela sincretiza em si os temas e estruturas da cultura impressa e os da cultura folclórica-arcaica. Faz comunicar essas duas correntes até então justapostas, derramando ambas no grande curso novo. Esse curso novo é, em certa medida, a resultante desse sincretismo.”

O empreendedorismo mercadológico cultural industrial tende dizimar todo um histórico cultural e até mesmo todo um conhecimento construído pela humanidade em toda a sua existência na terra. A pasteurização cultural imposta e proposta pelas mídias de massa poderá levar o homem “às estéticas médias, às poesias médias, aos talentos médios, às inteligências médias, às bobagens médias” (Morin, 1997, p. 50).

Hall (2001, p. 69) destaca três possíveis conseqüências sobre as identidades culturais dos povos, causadas pela globalização negativista: (i) desintegração das identidades nacionais, resultante da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; (ii) as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; (iii) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Os seres humanos são dotados de conhecimento e este por consequência tem sua origem nos processos culturais de cada indivíduo, dos seus processos históricos de formação, que são adquiridos através da relação entre as pessoas. Morin (1998, p. 28) coloca que:

“A cultura fornece ao pensamento as suas condições de formação, de concepção, de conceitualização. Impregna, modela e eventualmente governa os conhecimentos individuais. Trata-se aqui não tanto de um determinismo sociológico exterior quanto de uma estruturação interna. A cultura, *via* cultura, a sociedade estão no *interior* do conhecimento humano.”

A existência de uma dialógica cultural é necessária para a maturação da sociedade e o alcance de estágios superiores de desenvolvimento. Tal dialógica comporta o comércio cultural, mas no sentido de intercâmbio, de diálogo, de trocas de experiências, muito diferente daquela visão de cultura industrial proposta e disseminada atualmente.

O diálogo entre as diversas culturas propicia ao indivíduo a possibilidade de se tornar um cidadão do mundo, onde o mesmo se situa, aceita-se e enxerga no outro a possibilidade de enriquecer-se culturalmente através da troca de experiências e idéias. Onde este intercâmbio realiza-se de uma maneira multidirecional e não unidirecional.

Segundo Coll (2000, p. 86):

“A abordagem dialogal repousa sobre o postulado de que ninguém isoladamente (quer se trate de uma pessoa ou de uma cultura) possui a capacidade de alcançar o horizonte universal da experiência humana e que somente se as regras do diálogo não forem postuladas unilateralmente, o Homem poderá atingir uma inteligência mais profunda e mais universal de si mesmo, para assim alcançar sua própria realização”.

A sociedade tem a sua disposição uma infinidade de possibilidades que possibilitam e facilitam a comunicação entre as mais diversas culturas. Mas é preciso que essa relação seja feita com o intuito de se construir uma verdadeira sociedade baseada no conhecimento, em que os indivíduos se abram e espalhem, mas que também se preservem na relação cultural global.

Uma definição transcultural ganha força e uma visão de “abertura de todas as culturas àquilo que as atravessa e ultrapassa” (Nicolescu, 1999). Procura-se com a transculturalidade aquilo que está além, entre e através das culturas.

A transculturalidade vai além da interpretação de uma cultura por outra cultura e também não se restringe a fecundação de uma cultura por outra cultura, mas a mesma assegura a tradução de uma cultura para qualquer outra cultura, através do sentido que une as mais diferentes culturas, mesmo que as ultrapassando (Nicolescu, 1999).

O modelo transcultural permite e torna possível o diálogo entre as mais diferentes culturas e impede a sua homogeneização (Nicolescu, 1999).

Em uma retórica transcultural, as culturas industriais e mídias de massa perdem visibilidade. O mundo pregado por tais abordagens, aonde as vedetes e os homens modelos são altamente mostrados e assediados por uma grande massa de pessoas, perdem os seus sentidos de existirem. Os programas massificados pelos grandes conglomerados televisivos perdem a sua tão sonhada audiência. Ou seja, as culturas passam a ocupar o lugar de destaque, promovendo a sua conservação, nas origens, e divulgação, nos destinos.

As “tecnologias de inteligência” definidas por Lévy (1993) em muito contribuem para o crescimento de uma visão transcultural. Através da grande rede, por meio de websites, comunidades virtuais, bibliotecas digitais e ferramentais de educação a distância, a transculturalidade poderá alcançar os seus objetivos que vão além e transcende as mais diversas culturas.

4. Considerações Finais

As transformações tecnológicas ocorridas nas duas últimas décadas provocaram mudanças substanciais na sociedade, principalmente àquelas mais desenvolvidas. Tendo como infra-estrutura as tecnologias digitais, um novo espaço emerge, o qual é chamado de ciberespaço por Lévy (1999), meio este que desponta não só como um “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (Lévy, 1999, p. 32).

As inovações intelectuais, industriais e culturais não mais se conjugam a uma base territorial, ou seja, a localização geográfica não mais é determinante para que as pessoas formem parcerias e a partir daí criem novidades. O ensino e a aprendizagem também se desvinculam do significado de territorialidade. Os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem possibilitam uma desterritorialização àqueles que desejam ter acesso a bases informacionais e de conhecimento remotas. As tecnologias maximizam as possibilidades inovativas dos indivíduos e desta forma cria-se uma sociedade mais comunitária e participativa, que segundo Moran (1998) é um dos pontos importantes para crescermos, aprendermos e vivermos.

As tecnologias digitais proporcionam o aprofundamento das implicações culturais e sociais, diferenciando a cada nova interface, a cada aumento de potência ou capacidade, a cada nova ramificação para outros conjuntos de técnicas (Lévy, 1999).

5. Referências Bibliográficas

ARRIADA, M. C. A Formação para EAD numa perspectiva inclusiva: Mapeando necessidades e desafios junto aos atores sociais do processo In: **12º Congresso Internacional de Educação a Distância**, 2005.

BARBOSA, D. Atitude Transdisciplinar na Educação Escolar. In: LACOMBE, M.; FRIAÇA, A.; ALONSO, L. K.; BARROS, V. M. (Org.). **Educação e Transdisciplinaridade III**. 1ª ed. São Paulo: Edusp/Triom Editora, 2005.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

BERTOLETTI, A. C., MORAES, M. C., MORAES, R., COSTA, A. C. R. SAEP-NET – Sistema de Apoio ao Educar pela Pesquisa na Internet In: **XIV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, 2003.

COELHO, T. **A cultura como experiência**. In: RIBEIRO, R. J (org.). Humanidades: um novo curso na USP. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 65-101.

COLL, A. N. As Culturas não são Disciplinas: Existe o Transcultural?. In: **II Encontro Catalisador do projeto “A Evolução Transdisciplinar na Educação” do CETRANS da Escola do Futuro da USP**. São Paulo, de 8 a 11 de Junho de 2000.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da**



informática. Trad. Carlos I. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos I. Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. [SI] 2003. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **O método 4 – as idéias**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

TEDESCO, J. C. **El nuevo pacto educativo**. Madrid: Anaya, 1995.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação**. Paris, 1998.